

A invenção da semelhança

Carlos Tadeu Siepierski¹

Todo agrupamento humano – seja um grupo estudantil, a torcida de um clube de futebol ou uma nação – para se manter e ter ações coordenadas, precisa construir sua identidade. A identidade cultural é fundamental na construção e manutenção de qualquer grupo humano. No entanto, as dificuldades para tal empreendimento são imensas. Os indivíduos, base de qualquer grupo, são diferentes entre si. A experiência da individualidade é uma necessidade tão vital quanto a experiência de fazer parte, de pertencer. Individualidade e pertencimento atuam como forças ambivalentes na construção da identidade cultural. Pertencemos àqueles grupos com o qual nos identificamos. Mas como nos identificarmos se somos tão diferentes uns dos outros?

O grande desafio, portanto, é transformar a diferença em semelhança. E não são somente os indivíduos entre si que são diferentes. A organização de grupos pequenos, aonde os indivíduos se relacionam face a face, leva-os a perceberem a diferença em relação a outros grupos. As sociedades, principalmente as mais complexas, são formadas por uma infinidade de grupos com interesses contrários e contraditórios, que ora se aliam, ora se opõem e se combatem. Articular e conciliar as contradições e ambigüidades decorrentes da diferença e da desigualdade e fazer que a semelhança seja mais percebida que a diferença é uma das principais funções da cultura. E os recursos disponibilizados são sempre simbólicos.

É o jogo simbólico da diferença e da semelhança que permite a cada grupo construir sua identidade. E cada grupo constrói a sua como se constrói uma peça de tapeçaria. É um paciente – e interminável – trabalho de passar e repassar fios. E todos os indivíduos do grupo são cooptados para esse empreendimento, cada um colaborando com sua parte. Quanto maior o grupo, maior o desafio, pois as diferenças, desigualdades e contradições são maiores e mais intensas, sendo, portanto, maior a necessidade de criação de novos símbolos. Quando falamos da construção de uma identidade nacional que envolve milhões de indivíduos, pertencentes a uma infinidade de pequenos grupos e, além disso, espalhados por um grande território, a tarefa não é pequena. Maior ainda quando as diferenças são tão evidentes. Esse é o caso de muitas nações, inclusive o Brasil.

A construção de qualquer identidade nacional recebe o aporte das mais diferentes áreas da vida social produtoras de soluções simbólicas, mas uma área particularmente privilegiada é o mundo das artes. A liberdade artística confere uma flexibilidade e plasticidade a esse processo que outras áreas da vida social, como a acadêmica, econômica ou política não possuem. Gostaríamos, então, de pensar a construção disso que é chamado “brasilidade” a partir dos fragmentos de uma obra de um dos mais prestigiados músicos contemporâneos: Antonio Nóbrega. A obra se chama “O Marco do Meio-dia”, título que além de nomear o espetáculo também nomeou o disco que foi lançado na ocasião. Começaremos examinando uma música que se chama “Viagem

¹ Doutor em Antropologia Social e Professor do curso de Comunicação Social do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

Vol. 2 – nº1, 2003

Maravilhosa” e que foi composta pelo próprio Nóbrega, em parceria com Bráulio Tavares e Wilson Freire. Canta ele que

Aí, um dia,
eu sentado na cadeira,
um Estalo-de-Vieira
clareou a minha mente.
Eu percebi
que tinha de procurar
descobrir e encarar
minha terra e minha gente.

A inquietação do poeta diante da diversidade coloca-o em movimento para explicar seu próprio pertencimento, em primeiro lugar. Como afirmamos acima, tão fundamental quanto construirmos nossa individualidade, ou seja, nossas especificidades, é também construirmos nosso pertencimento. A individualidade, por si só, não nos permite (re)conhecermos. Procuramos nos reconhecer em nossos semelhantes, só que, paradoxalmente, essa semelhança também precisa ser construída. Construimos o “outro” para nos vermos a nós mesmos. Assim, o “outro” funciona como um espelho sobre o qual se busca uma imagem de si. O poeta é então impulsionado e se instrumentaliza para procurar essa semelhança. Afirmamos ele que

E sem demora
minha burra eu selei,
pus um cabresto e montei,
pus espelho e um radar.
Pus uma bússola,
astrolábio e luneta,
diário, mapa e caneta,
e falei: “vou viajar”.

Assim equipado, nessa viagem imaginária, pronto para descobrir e inventar a um só tempo, o poeta cruza os principais pontos geográficos do país, que estão associados à história, construindo a identidade com as tramas dos fios do tempo e do espaço. Diz ele que

No meu galope,
mais ligeiro que um corisco
eu cruzei o São Francisco,
mergulhei no Iguaçu.
Fui despertar
no sol da Zona da Mata,
vestido de ouro e prata,
dançando maracatu.

Passei por todas
as ladeiras de Olinda,
e muita morena linda
ainda se lembra de mim...

Cantei seresta,
tirei verso na ciranda,
toquei tuba numa banda,
na outra toquei flautim.

No meu caminho
enchi o Brasil de pernas,
até chegar nas cavernas
da Gruta de Maquiné.
Voltei de lá
com um papiro na mão,
trazendo a decifração
dos segredos de Sumé.

Eu vi Xamãs
dominando tempestades,
cavando Sete Cidades,
separando Marajó...
Vi o profeta
puxando com sua cruz
cada órfão de Jesus
que cruzou Cocorobó.

Mas quanto maior a diversidade, maior o desafio simbólico, e a trama do tempo/espço por si só não é suficiente. Precisa ser adensada com a trama da musicalidade e da religiosidade do povo. Mais fios para fechar ainda mais a trama. E um outro recurso simbólico frequentemente acionado – como em qualquer cultura – é a culinária. Ela se torna em um dos elementos fundamentais da construção identitária, já que a comensalidade é um ponto vital de imbricação da natureza e cultura pois é quando o alimento é transformado em comida. No seu devaneio poético ele afirma que

Fiz um almoço
lá no “Buraco da Jia”,
começou ao meio-dia
terminou pela manhã:
cuscuz com fava,
bode assado, dobradinha,
macaxeira com farinha,
codorniz e ribaçã.

Bolo de milho,
marisco no vinagrete,
feijoada com croquete,
quitude e baião-de-dois.
Comi de tudo
sem pressa, sem me cansar,
só para me preparar
para o que vinha depois...

Arroz-de-polvo,
risoto de camarão,
maionese e macarrão,
salpicão, frutos do mar,
feijão-macassa,
galinha de cabidela
e um bife de panela
bem leve, pra descansar.

Um ensopado
de carne com batatinha,
feijão-verde e farofinha,
sanduíche de peru.
Pra terminar
um conhaque, um cafezinho,
mais um cálice de vinho
e três doses de Pitu.

Depois dessa frenética salada simbólica preparada nessa cozinha cultural, nesse jogo em que a diferença só é percebida para ser reintroduzida e apropriada como complementaridade, o poeta diz que

Porém um dia
eu cruzei em meu caminho
com um Cavalo-marinho
que era gêmeo com o meu.
Puxei a rédea
fiquei olhando pra ele,
ele achou que eu era ele,
eu achei que ele era eu.

Nesse momento
mais um galope se ouviu,
outro cavalo surgiu
passando perto da gente.
Uma figura
semelhante e parecida,
mas como tudo na vida
tinha algo diferente.

E mais dois outros
chegaram no mesmo instante,
e logo mais adiante
outro ainda apareceu.
Eu que pensava
que era único no mundo
encontrei num só segundo
muitos outros como eu.

O caminho está agora totalmente percorrido e a peça bem tramada. O poeta percebe a diferença, mas a dinâmica simbólica que produz a semelhança mostrou a sua força e ele se reconheceu naqueles mesmos que ele havia construído. No entanto, essa tapeçaria tão habilmente produzida, sempre corre o risco de ser esgarçada pelo tempo e pelas contradições da vida social, com suas forças de ruptura e dispersão. A construção da identidade cultural tem esse caráter precário e provisório, estando sempre inacabada, como a própria sociedade. Precisa, portanto, ser constantemente reinventada.